

A Imagem Sagrada do Ovo

1. Projeção do Self

O início do conto *O ovo e a galinha* da escritora Clarice Lispector já pressupõe a visão iluminada dentro do cotidiano. A narrativa gira em torno do mistério do ovo. Ela apenas sugere o seu significado, daí o seu tom inconcluso: "De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo. Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo" (Lispector, 1983, p.49). O mistério do ovo, além de expressar conteúdos universais, reflete a própria estrutura psíquica da heroína, pois "O mundo todo é um círculo. Todas as imagens circulares refletem a psique" (Campbell, 1994, p.123).

A imagem do ovo provoca um *insight*. Nesse momento, ela tece uma rede de conexões. A heroína constata que "Com o tempo, o ovo se tornou um ovo de galinha. Não o é" (*Op. cit.*, p.51). Ela vê no objeto um símbolo do arquétipo-central da psique: o Self, também conhecido como si-mesmo. A narradora realiza uma projeção: "Processo automático pelo qual os conteúdos de nosso próprio inconsciente são percebidos como estando nos outros" (Sharp, 1995, p.126). Ela transfere para o ambiente o que está se passando dentro de si.

A fase das projeções acontece para que haja um crescimento psíquico. Esse crescimento Jung denomina de "individuação" ou "realização do si-mesmo". Constatar a projeção é um dos primeiros passos no eixo ego/Self. A realidade das projeções não pode ser negada, pois a negação conduz ao devoramento do ego pelo inconsciente. E o ideal é a interação de ambos e não a hegemonia de um sobre o outro.

Mas o que é o Self? Jung esclarece que ele "...é uma imagem divina, e não se pode distingui-lo desta última" (1987, p.20). A imagem do ovo é

divina? De que forma o ovo conduz à experiência transcendente apontada por Jung? Sobre isso, a filosofia teosófica nos esclarece. Helena Blavatsky comenta no livro *A Doutrina Secreta*, volume I, que "O Ovo do Mundo é talvez um dos símbolos mais universalmente adotados, e altamente sugestivo, tanto no sentido espiritual como no sentido fisiológico ou no cosmológico. Encontra-se, por isso, em todas as teogonias do mundo [...]" (1993, p.124). Daí concluímos que não é gratuitamente que o Self se apresenta projetado na forma de um ovo. A narradora confirma esse aspecto transcendente do ovo ao dizer "De ovo a ovo chega-se a Deus, que é invisível a olho nu" (Lispector, 1983, p. 50). É justamente o arquétipo-central da psique que nos relaciona com a divindade.

Do ponto de vista cristão, esse ovo de Clarice Lispector lembra os ovos da páscoa. Eles evocam a eternidade, a salvação e a ressurreição. E como ovo da páscoa, enfatiza-se a fecundidade, o abrir-se para o novo com o objetivo de alcançar a perfeição espiritual. Em termos junguianos, significa a sintonia do ego com o arquétipo-central. O fato da narradora projetar o arquétipo na forma do ovo se justifica, pois "Quando uma mulher [...] encontra o si-mesmo, esse encontro costuma exprimir-se como um poder celestial fecundante" (Edinger, p. 109). A narradora tem consciência do que encontrou sob o ovo na cozinha, ela afirma que "O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe" (Lispector, 1983, p.49). Sim, "o ovo não tem um si-mesmo", ele é o si-mesmo ou Self. E "individualmente ele não existe", já que se refere à divindade. O Self é representado por mitos e símbolos coletivos que não são criados pelo homem, mas aparecem espontaneamente na sua mente com o objetivo de ordená-lo. Como provêm do inconsciente coletivo, os conteúdos do Self dizem respeito a toda humanidade.

O senso de humor na narrativa é explícito. Ao lado de frases sérias, profundas, encontramos afirmativas desse tipo: "Só as máquinas vêem o ovo. O guindaste vê o ovo" (Lispector, 1983, p.49). Apesar do efeito cômico

que provoca, tal afirmativa não é vã. Por que ela usou a imagem de um guindaste? O guindaste cava e sustenta volumes enormes. E os arquétipos não encerram volumes poderosos? A irrupção de arquétipos pode enlouquecer alguém que não esteja preparado para receber as informações de seu inconsciente. O "guindaste" vai até debaixo do chão (inconsciente coletivo), cava e levanta seus conteúdos até a superfície (consciência). O trabalho do guindaste equivale ao trabalho da narradora, entrar em contato com o arquétipo-central é uma tarefa acima da média para o homem comum. O uso da imagem do guindaste é perfeitamente adequada por representar o exaustivo trabalho psicológico que ela está realizando consigo mesma.

Há uma alternância de visão na leitura do ovo. Ora a heroína o sente como algo interior e universal, ora enxerga-o como um simples objeto. Mas o que prevalece no conto é a primeira versão, isto é, a leitura do ovo como um símbolo do Self. Ao explorar a segunda leitura, ela fala: "De repente olho o ovo e só vejo nele a comida" (Lispector, 1983, p.53). A narradora se dirige para o aspecto comum da realidade, no entanto, logo volta para a versão transcendente. E aí deslança frases inusitadas: "Para que o ovo use a galinha é que a galinha existe" (*Ibidem*). Com essa frase, ela resolve o velho enigma "Quem nasceu primeiro ? O ovo ou a galinha ?". Segundo a narradora, é o ovo que preexiste, a galinha apenas o expressa.

2.O Ato de Narrar: prisão e liberdade

A visão do ovo é transformadora, pois provoca uma série de descobertas repentinas. É uma irrupção de imagens arquetípicas que irão orientar desorientando a heroína. No começo do conto, a experiência paralisa a personagem devido a sua complexidade, logo depois, ela descobrirá o sentido e redefinirá o seu papel diante do mundo.

Como isso se reflete no discurso? O olhar se revela ambíguo. *A priori*, funciona como instrumento para apreender a realidade. Por meio do olhar, a heroína percebe o Self em forma de ovo: "...mal vejo um ovo e já se torna

ter visto um ovo há três milênios" (Lispector, 1983: p.49). Existe uma familiaridade com a aparição súbita do arquétipo. Essa familiaridade se deve, é claro, ao fato do ovo ser um símbolo universal, circunscrito no inconsciente coletivo e, por isso, presente em todas as culturas e com significados tão abrangentes que ele termina por se tornar o próprio universo. Essa sua complexidade é refletida no mito da criação como o "ovo cósmico". Para os budistas tibetanos, por exemplo, o Cosmos surgiu de um Ovo.

Acentuando a intangibilidade do arquétipo-central, a heroína repete várias vezes que a mesma visão que revela também restringe. Essa visão física (feita pelos órgãos do sentido e não pelo olho do espírito) não pode abarcar a natureza transcendente do ovo verdadeiro. Essa idéia transparece nas seguintes frases: "Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo" (Lispector, 1983: p.49); "Olhar é necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora (*Ibidem*). Mas a acepção "Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo" pode significar também que o ovo é um "...germe a partir do qual se desenvolverá a manifestação [...]" (Chevalier e Gheerbrant, 1994, p.672). Em suma, o ovo contém o ovo. O ovo gera um ovo que gera outro ovo e assim por diante.

2.1.O silêncio como instrumento de iluminação

Ao mesmo tempo em que descobre ovo arquetípico, a heroína desconfia de seu próprio discurso, pois percebe que ele não dá conta desse símbolo. A restrição com relação às palavras encontra paralelo na filosofia platônica. No livro VII da *República*, Platão divide o mundo em três graus: o modelo (fonte de idéias, fonte da verdade), a cópia (o mundo concreto) e o simulacro (a cópia da cópia). A literatura se localiza no terceiro grau, portanto, longe da verdade. Suas palavras são cópias degradadas porque rompem com a correspondência entre a cópia (o ovo de galinha) e o modelo (o Self).

A idéia de que as palavras reduzem a realidade também pode ser encontrada no budismo. A doutrina afirma que "A palavra é um filtro, e o

que passa por ela é despojado de sua melhor parte"(Brinker, 1985: p.53). O Self escapa à compreensão, ele está além das palavras. Ao ser projetado na forma de um ovo de galinha, explica-se por si só. É por isso que a narradora afirma que "O ovo é uma coisa suspensa. Nunca pousou. Quando pousa, não foi ele quem pousou. Foi uma coisa que ficou embaixo do ovo" (Lispector, 1983, p.50). Não pousar é a mesma coisa que dizer que ele é não compreensível, não abarcável pelo pensamento. A heroína acentua o aspecto intangível do ovo em várias passagens:

Tomo o maior cuidado de não entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo. - Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto [...]. O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito" (Ibidem).

A postura da narradora evidencia uma das características fundamentais dos símbolos, eles "... apontam para algo que está além deles mesmos e seu significado jamais se esgota em formulações racionais" (Debus, 1994 p. 65).

Transcendente, a linguagem verbal não comporta a natureza do ovo. O silêncio é a linguagem mais adequada para a apreensão desse símbolo. É devido a isso que a heroína diz: "Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo" (Lispector, 1983: p.49). O silêncio é considerado uma linguagem superior na filosofia teosófica de Helena Blavatsky. Em seu livro *A Voz do Silêncio*, ela aconselha que "O discípulo deve recobrar o estado infantil que perdeu, antes que o primeiro som lhe possa cair no ouvido" (1993, p.55). O som citado corresponde ao nível das palavras. E "recobrar o estado infantil" é buscar o antigo estado do espírito, estado anterior ao nascimento. Nesse estágio primordial, o ego é não-manifesto porque está imerso na inconsciência. Quando criança, o indivíduo ainda está sob domínio do inconsciente, pois o seu ego está germinando. A perfeição (*nirvana* na linguagem

budista) estaria na recuperação dessa pureza original do início da infância ou mesmo anterior ao nascimento. Dessa forma, desvencilha-se a mente dos conceitos racionais para receber como uma taça a luz do Self. Para essa doutrina a forma do ovo "...sem princípio nem fim encerra em si o retorno dos opostos à unidade absoluta e, assim, o verdadeiro vazio" (Brinker, 1988, p.29 e 30). E essa totalidade é feita através da aproximação do ego com o centro da psique, o Self, inicialmente por meio de projeção.

2.2. Introjeção: a palavra "ovo" como *mantra*

A narradora toma uma atitude paradoxal. Apesar de afirmar que as palavras não abrangem a imagem arquetípica do ovo, é através delas que vai procurar chegar o mais perto possível da divindade. O discurso assume um aspecto hipnótico. A palavra ovo aparece cerca de 138 vezes em um conto de apenas 9 páginas. O que significa isso? Para explicarmos o processo psicológico inaugurado pela heroína a analogia com a meditação é fundamental. Com o objetivo de atingir o não-pensamento (também conhecido como o vazio ou o silêncio), a heroína começa por restringir os seus pensamentos para um único objeto: o ovo. A partir dessa concentração, há uma fusão entre sujeito e objeto, a heroína introjeta (interioriza) o arquétipo do ovo. No discurso a palavra ovo equivale aos *mantras* (palavras de poder) usados na meditação budista. Os *mantras* alteram a percepção do indivíduo conduzindo-o até à plenitude. A narrativa de *O ovo e a galinha* encerra uma série de *mantras* através da repetição da palavra ovo. No caso, o ovo-*mantra* purifica a mente da heroína para receber a divindade (o Self).

Essa fase corresponde ao que Jung chama de "retirada das projeções" (1987, p.21). A projeção do Self sob a forma do ovo começa a diminuir, pois a heroína percebe que não é exatamente o ovo de galinha que lhe perturba. Esse ovo lembra a configuração de sua própria mente, trazendo com isso uma "integração dos conteúdos coletivos inconscientes" (*Ibidem*).

Sintomaticamente a repetição da palavra ovo vai se reduzindo, já que não é mais necessária. Antes de se fundir com a imagem do ovo, a narradora começa a se perguntar sobre a natureza da galinha. Ela imagina o perfil da ave: "Não tem senso de realidade. Todo o susto da galinha é porque estão sempre interrompendo o seu devaneio. A galinha é um grande sono" (Lispector, 1983, p. 52). Ela aponta a inconsciência como a principal característica da ave. Na verdade, a galinha serve aos dois lados da psique, ela atua como um *psicopompo*: "Fator psíquico que serve de intermediário entre conteúdos inconscientes e a consciência [...]" (Sharp, p. 130). A personificação desse fator na imagem da galinha é muito comum nas religiões afro-brasileiras. O sacrifício da ave, através de seu derramamento de sangue, promove a comunicação com os espíritos. A narradora indica que é sabedora desses atributos da ave quando diz "Para que o ovo use a galinha é que a galinha existe" (Lispector, 1983, p.52). Por essa frase, verificamos que a galinha assume a mesma função que tem nos ritos religiosos, o de intermediária entre este plano e o outro (representado pela imagem do ovo).

Em um determinado trecho do conto, há uma mudança de narração. Mas essa mudança é apenas aparente. A heroína se identifica com a galinha e, por isso, projeta o seu próprio discurso na ave. Para tornar evidente que a fala não é da heroína mas de uma outra, as frases aparecem entre aspas. A heroína acha que o mal da galinha é o ovo e, a partir daí, simula a voz da ave: "sei que o erro está em mim mesma [...], não sei mais o que sinto" (Lispector, 1983, p.52). E ao se deter sobre a ave, chega a conclusão de que "O ovo que se quebra dentro da galinha é como sangue" (*Ibidem*). A Bíblia fala que sangue é vida; o ovo também é considerado "...como *veículo da alma*, o que explicaria, segundo Frazer, os ritos dos sacrifícios, durante os quais todo cuidado era tomado para que o sangue da vítima não se derramasse no chão [...]" (Chevalier e Gheerbrant, 1994, p.800 e 801). Quebrar o ovo significa expor a alma.

O discurso ganha em humor. O tom engraçado entra como um artifício para suavizar o significado complexo do ovo. A narradora fala que o ovo se originou na Macedônia e "Quando a galinha vê o ovo pensa que está lidando com uma coisa impossível. E com o coração batendo, com o coração batendo tanto, ela não o reconhece" (Lispector, 1983, p.53).

A interiorização do ovo é tão forte que ela sucumbe: "Estou cada vez mais sem força de acreditar, estou morrendo, adeus, olhei demais um ovo e ele foi me adormecendo" (*Ibidem*). A heroína se sente abalada pelo arquétipo-central. Esse estado já vinha se configurando antes quando ela afirma "O ovo é coisa que precisa tomar cuidado [...]. O ovo nos põe, portanto, em perigo" (*Op. cit.*, p.51). Mas a crise antecede às grandes mudanças e o medo de entrar em contato com o Self é o medo de se perder no desconhecido. A morte é crucial no caminho da individuação:

Nesses momentos, o ego sente-se profundamente privado de conforto e de apoio, tanto de dentro quanto de fora [...]. Esse estado é um período de transição. É o limbo o desespero que se segue à morte da orientação da vida anterior e que precede o nascimento de uma nova vida" (Edinger, 1995, p. 206).

A nova vida da heroína agora passa não só por uma interiorização do ovo, como também da galinha. O início desse processo se deu quando ela começa a projetar seu discurso na ave, como foi falado anteriormente. A personagem constata que o ovo e a galinha formam um todo indissociável, um sem o outro não podem existir. Assim como a galinha, a heroína serve ao ovo, ela se considera apenas um instrumento de sua expressão: "O meu mistério é que eu ser apenas um meio, e não um fim, tem-me dado a mais maliciosa das liberdades [...]" (Lispector, 1983, p.55).

É nesse estágio que ela encontra os "agentes", eles são os auxiliares. A função deles é proteger a heroína durante o seu caminho para que ela realize o seu trabalho. Mas o interesse deles não é por um caso individual e sim pela

coletividade. A heroína e os demais agentes trabalham para a divindade, executam o que ela chama de "trabalho cósmico". A personagem declara que "A todos os agentes são dadas muitas vantagens para que o ovo se faça" (Lispector, 1983, p. 54). Dar passagem ao ovo é seu trabalho superior. Através disso, galinha e heroína terminam por se fundir. Se a primeira produz um ovo literal, a segunda nos oferece o ovo simbólico, cósmico.

3.A heroína como iniciada

A narradora descobre que o ego é uma ilusão da mente, como diz os budistas. Ainda na fase em que projeta seu pensamento na ave, conclui que a galinha é "A que não sabia que *eu* é apenas uma das palavras que se desenha enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar forma mais adequada. A que pensou que *eu* significa ter um si-mesmo" (Lispector, 1983, p.53). Ela fala da fragilidade do conceito do ego e como a galinha, por viver na inconsciência, não tem discernimento sobre as coisas (apesar de fazer o que lhe foi pedido: o ovo).

Ela descobre que só vê o ovo aquele que está fora do ovo: "Só quem visse o mundo veria o ovo" (Lispector, 1983: p.49). Aquele que se identifica com o ovo cósmico não vê o ovo, é o próprio ovo, já que sua visão não é dual. Não há separação entre ego e não-ego, ambos são faces da totalidade psíquica. Para enfatizar que a individualidade foi abarcada pela totalidade, a heroína começa por se designar como agente "...da maçonaria dos que viram o ovo e o renegam como forma de protegê-lo" (*Op. cit.*, p.54). Mas essa forma de renegar, como ela explica adiante, trata-se de renegar por omissão e não através de mentiras. A proteção do ovo se dá por respeito ao sagrado.

Aqui também ocorre uma mudança de narração. Ela descreve as orientações dos agentes e reproduz-lhe a voz: "*Falai, falai*, instruíram-me eles [...]" (*Op. cit.*, p.57). Dessa vez, por conselho dos agentes, a heroína volta a enfatizar que o pensamento impede a geração do ovo (Self). Ela afirma que seu "...emprego consiste em diariamente esquecer" (*Ibidem*).

3.1. O sacrifício do eu

Ao se declarar iniciada de uma sociedade esotérica, a heroína diz que seus membros se identificam através do amor. Mas esse amor não toma feições passionais. O amor referido pela heroína é o amor divino que, devido a sua força devastadora, todos os outros aspectos da realidade se tornam sem sentido: "Poucos querem o amor, porque o amor é a grande desilusão de tudo o mais. [...] amor é finalmente a pobreza"(Lispector, 1983: p.54). Essa pobreza a que ela se refere é a extinção da própria individualidade (o ego).

Ao se identificar, através da introjeção, com o ovo cósmico, a heroína empreende o sacrifício de seu ego. Ela compara o ovo ao símbolo da cruz: "O ovo é o grande sacrifício da galinha. O ovo é a cruz que a galinha carrega na vida"(Op. cit.: p. 51). Nesse caso, a cruz indica a purificação do ego para alcançar o Self - representado em nossa cultura por Jesus Cristo. Jesus aparece no conto implicitamente, através do seguinte trecho: "Uma vez um homem foi acusado de ser o que ele era, e foi chamado de Aquele Homem" (*Ibidem*). O trajeto de Jesus é de rompimento com a tradição anterior. Passar por esse limiar implica numa auto-aniquilação:

A crucifixão foi o ponto culminante da vida terrena de Jesus. Nela, Jesus como ego e Cristo como Self se fundem. O ser humano (ego) e a cruz (mandala) tornando-se um só. (Edinger, 1985)

No conto, encontramos a fusão da narradora (ego) com o ovo (Self). E ao associar o ovo à cruz, a narradora enfatiza a máxima do cristianismo: o sofrimento eleva o homem. É no caminho das provas que a heroína purifica o eu e daí expande a sua consciência até encontrar o Self. Quando esse arquétipo toma a forma de Cristo, o seu sangue (sacrifício) provoca a redenção da alma, libertando assim toda a humanidade da ira divina. Na

terminologia de Edinger, em seu livro *Ego e Arquétipo*, o sangue de Cristo é o "sangue do concerto" que sela a reconciliação entre criatura e Criador.

3.2. Uróboro

Erich Neumann ao utilizar os conceitos de Jung, ampliou-os em vários pontos. Para ele, a mente do indivíduo em seu estado primordial se assemelha a uróboro, serpente que morde a própria cauda. Ela abarca em si a totalidade, é o princípio que antecede ao nascimento do ego. E ao ser representado pela uróboro, desperta o arquétipo que simultaneamente alimenta (fecunda) e é alimento: "A esfera do ser e do vir-a-ser da existência humana se agrupa aqui ao redor das funções da via alimentar. Comer=acolher, dar à luz=expulsar"(Neumann, 1995: p.39). A maternidade é uma função de via alimentar, a heroína acolhe quando serve aos filhos o ovo de galinha: "Os ovos estalam na frigideira (...), grito pelas crianças que brotam de várias camas (...) e o trabalho do dia amanhecido começa, gritado e rido e comido, clara e gema (...)" (Lispector, 1989: p.55). Observem que tanto os filhos quanto a mãe representam um estágio em que o ego está sob domínio da uróboro (inconsciente). Ela é a grande mãe nutridora que protege, acolhe (alimenta):

O estágio da uróboro maternal se caracteriza pela relação entre a criança pequena e a mãe que alimenta, mas é, ao mesmo tempo, um período histórico em que a dependência do homem com relação à terra e à natureza alcança o auge" (Neumann, 1995, p.50).

A uróboro se assemelha à *kundalini* dos budistas, serpente adormecida, princípio vital que conduz até o Self:

Ela é uma palavra que significa o aspecto feminino da força criativa da evolução, força esta que jaz adormecida, em sua potencialidade

específica e muito particular, como que em posição fetal em um útero, na base da espinha dorsal humana (Arundale, 1987, p.17).

Evoluir psiquicamente implica em ativar a *kundalini* nos centros mais baixos (relacionados com o ego) até os centros mais altos (a divindade).

O contato com o Self, independentemente como ele é abordado - se por meio da uróboro ou da *kundalini*-, subverte a ordem antiga da narradora. Além de acolher os seus filhos, a narradora também acolhe quando interioriza a imagem do ovo arquetípico. Ela encontra no ovo o símbolo do Self. Aceita a orientação do arquétipo-central, mesmo tendo que se desestruturar para depois organizar a sua vida. E a heroína dá à luz quando expressa esse contato através das palavras. Nesse ponto, ela remete ao sentido bíblico de que a palavra corresponde à luz divina.

A modificação que lhe é imposta por essa transformação psicológica ocorre com tamanha intensidade que ela confessa não saber de seu próprio rosto: "o espelho não reflete mais um rosto que seja meu" (Lispector, 1983, p.56). A narradora rompe a sua antiga personalidade e inaugura com isso um novo rosto que ainda não consegue identificar.

Apesar de não poder se reconhecer imediatamente, ela não titubeia com referência a sua função: "...ficou-me a noção de que meu destino me ultrapassa, e de que sou instrumento do trabalho deles" (Lispector, 1983: p.56). A heroína passa a ser um canal de expressão da força divina, Deus, que é o nutridor e o destruidor da vida.

A narrativa se encerra por onde começou, na cozinha, perfazendo um trajeto também circular. Como o conto é desenvolvido sob a perspectiva de uma narradora-protagonista, o seu modo de falar corresponde a sua própria visão de mundo. Essa visão de mundo é em espiral, urobórica.

Para desencadear a revelação foi preciso apenas um ovo de galinha, como se a heroína já estivesse sob intensa pressão de seu inconsciente para se manifestar. O ovo provoca uma irrupção do Self. O contato com esse

arquétipo se inicia por meio de projeção antes de se fixar dentro da heroína (introjeção, nos termos da psicologia analítica).

O silêncio se manifesta como a linguagem mais adequada no momento. É principalmente nesse ponto que encontramos uma similaridade de pensamento entre Clarice Lispector e a linguagem budista. É por considerar o silêncio como uma linguagem superior, mais completa, que a heroína do conto tenta limpar a sua mente, concentrando-se apenas naquilo que lhe é essencial: o ovo.

Para realizar o Self, a heroína sacrifica o seu ego. É quando ela se autodenomina "agente" de um trabalho superior. No estágio seguinte, ela descobre que no curso da vida somos como a uróboro: fome e alimento. É despertado o arquétipo da mãe bondosa, protetora, que alimenta os filhos.

A essa visão urobórica (ou circular) da narradora-protagonista, a psicologia analítica dá o nome de *circum-ambulação*: "A circum-ambulação difere da associação livre pelo fato de ser circular e não linear. Enquanto a associação livre se afasta da imagem original, a circum-ambulação fica próxima dela" (Sharp, 1995: p.35). Todo o movimento da narrativa é em espiral com o objetivo de revelar o centro da psique (Self).

Com essa experiência, a narradora quebra o ciclo antigo. Ela efetua um processo radical de autoconhecimento que parece não se esgotar porque:

quanto maior for o número de conteúdos assimilados ao eu e quanto mais significativos forem, tanto mais o eu se aproximará do si-mesmo, mesmo que esta aproximação nunca possa chegar ao fim (Jung, 1987, p. 21).

O que Jung diz é que a consciência nunca poderá abarcar a totalidade. É aqui que a visão junguiana e budista se separam. Essa filosofia oriental julga que no processo de iluminação o eu abrange o não-eu, a fusão é completa.

A simples imagem do ovo de galinha promove a revelação na heroína sugerindo uma série de conexões. A esse ovo, juntam-se os atributos de criação, eternidade, fecundidade, redenção, circularidade, etc. Através dele, ocorre a revelação da divindade em seu cotidiano. O ovo de galinha, portanto, ajuda a heroína a compreender o seu crescimento psíquico. E nos mostra que o seu processo não é particular, mas universal. As forças despertadas pela heroína são as mesmas forças que encontramos dentro de nós.

BIBLIOGRAFIA

ARUNDALE, G.S. *KUNDALINI - Uma Experiência Oculta*. Trad. Margareth Artur. São Paulo: Pensamento, 1987.

BLAVATSKY, Helena. *A Voz do Silêncio*, Pensamento, São Paulo, 1993.
_____. *A Doutrina Secreta*, vol. I. Trad. Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Pensamento, 1993.

BRINKER, Helmut. *O Zen na Arte da Pintura*. Trad. Alayde Mutzenbecher. Pensamento, São Paulo, 1985.

CAMPBELL Joseph. *O Herói de Mil Faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1993.

_____. *O Poder do Mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. 11ª ed. São Paulo: Palas Athena. 1994.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1994.

DEBUS, David *et al.* O Self é um Alvo Móvel - O Arquétipo da Individuação
In: *Espelhos do Self*. Trad. Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo:
Cultrix, 1994.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz
e Natália Nunes. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São
Paulo: Cultrix, 1995.

FRANZ, Marie Louise et alii. O processo de individuação In: *O Homem e
Seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1993.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Trad. Octanny S. da Mota e
Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

JUNG, Carl Gustav. *AION: Estudos sobre o simbolismo de si mesmo*. Trad.
Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Nova
Fronteira, 1991.

_____. *Legião Estrangeira*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1981.
MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária (Prosa)*, Editora Cultrix, São Paulo,
1989.

NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*. Trad. Margit
Martinincic. São Paulo: Cultrix, 1995.

REIS, Carlos. *O CONHECIMENTO DA LITERATURA - Introdução Aos Estudos Literários*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

SHARP, Daryl. *Léxico Junguiano*. Trad. Raul Milanez. São Paulo: Cultrix, 1994.

SUZUKI, D. T. *Introdução ao Zen-budismo*. Trad. Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Pensamento, 1993.

WALTY, Ivete Lara Camargos. *O que é ficção?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

WATTS, Allan W. *O Espírito do Zen*. Trad. Murillo Nunes de Azevedo. São Paulo: Pensamento, 1988.